

A BORBOLETA

O BAILE

Rescendem arômas, afina-se a orchestra,
Reflectem-se as luzes nos longos christaes;
Foi dia de esp'ranças, é noite de festa,
D'aquellas que deixam saudades geraes.

Os gordos fidalgos já cruzam as salas,
Os magros litt'ratos já chegam tambem;
Mamans e meninas vestidas de galas,
No páteo lá fazem parar o seu trem.

Veludos e sedas, rubins e diamantes
Ostentam seu bello, seu mago esplendor,
As salas douradas, vistosas, brilhantes,
São templos de fadas, mansões do amor!

Avante donzellas, correi pressurosas!
Nos braços dos pares, sorrindo, walsae!
Queimae-vos nas luzes, gentis mariposas...
A vida é um sonho! — sonhando gozae!

E emquanto ao *Buffet* correis apressadas,
E duzias de bolos se pisam no chão,
Lá fóra centenas de mãos descarnadas
Nos cantos das ruas se estendem em vão!...

MARIANNA DE ANDRADE.

CONFERENCIA ARCHEOLOGICA CITANIENSE

Verificou-se nos dias 9 e 10 de Junho
a *conferencia archeologica citaniense*.

O resultado d'este congresso excedeu
as esperanças de todos os concorrentes a
elle: — uns, como estudiosos dos assum-
ptos archeologicos; e outros, como vene-
radores das antiguidades da nossa patria.

Fallece-nos oportunidade n'este momen-
to, para expormos aos nossos leitores o
resultado das discussões alli ventiladas. —
Limitamos-nos a indicar-lhes apenas, que
a *hypothese celticista* ficára de pé em rela-
ção aos edificadores primitivos da *Citania*
— até onde é dado levar por em quanto o
exame das ruínas exploradas.

Em relação aos *penedos singulares*, olha-
dos como *dolmens* por alguns dos obser-
vadores e negados por outros como monu-
mentos d'essa *cathegoria*; apenas 3 dos
conferentes mostraram duvidas plausiveis

na discussão do assumpto.—O fundamen-
to principal d'estas duvidas—emittidas com
mais insistencia por um dos illustres con-
ferentes — foi o seu *sectarismo* da *theoria*
da migração dos povos dos dolmens, de que
se mostrára campeão denodado.

Contrariada no entanto ficou desde alli
esta doutrina, a que não subscrevêra, nem
subscreve o signatario d'estas linhas, em
face dos ultimos trabalhos de *Mortillet*,
consocio distinctissimo de *Cartailhac*, *Fon-*
douce, e *Chantre*.

Na distribuição geographica dos mes-
mos *dolmens*, estão os principaes argu-
mentos contra essa *theoria das migrações*,
corroborados pelas observações irretorqui-
veis da anthropologia.—Nem hoje é possi-
vel, como na *theoria da migração* têm pa-
ra si alguns dos seus sectarios, isolar os
dolmens d'entre outras series de monumen-
tos funerarios das mesmas epochas.—*Dol-*
mens, grutas sepulchraes naturaes, e grutas
sepulchraes artificiaes, não são hoje aos olhos
dos archeologos insystematicos—senão mo-
dificações d'um mesmo rito funerario, va-
riado conforme os materiaes disponiveis
da localidade, e os meios e as circumstan-
cias alli á mão dos povos.

N'estas noções archeologicas—hoje cor-
rentes como moeda legal entre os estudio-
sos dos *ultimos trabalhos dolmenicos*—ba-
searam os cultores da sciencia a sua theo-
ria do homem da *epocha robenhausiana*, cha-
mada ainda *epocha da pedra polida*, e mais
usualmente *epocha dos dolmens*.

No fim das discussões da conferencia,
resolveu-se a criação da *Associação Ar-*
cheologica Martins Sarmiento em Guimarães,
debaixo da presidencia do explorador in-
defesso das ruínas venerandas da *Citania*
de Briteiros, e em conformidade com o
Projecto d'Estatutos do signatario d'estas
linhas, de que na *Borboleta* se fizera an-
teriormente a inserção. (Pag. 29)

Durou este convívio litterario—o primei-
ro de sua especie em Portugal—desde as
8 horas da noite no dia 10 até ás 2 horas da
madrugada, e sempre com a animação mais
esplendida possível:—abrindo-se então pa-
ra a historia de Guimarães, rica já de si,
uma das suas paginas mais gloriosas e mais
immarcessiveis.

Braga,

Pereira-Caldas.

SUPPLICA

(Improviso)

Meu Deus... ouvi a voz sentida... angustiada,
que se ergue na vehemencia acerba da afflicção!...
Mandai que eu desça ao pó, à campã, ao gelo, aonada
o corpo de que val'... se é morto o coração? !...

Porto, 14—5—77.

CLORINDA M. DE MACEDO.

NO ALBUM

Do snr. Eduardo Julio Javrot

Que a tua vida seja agora e sempre
Como um tranquillo e transparente lago,
Onde do mar a viração susurre
Como um perpetuo e perennal affago.

Que nunca o sul impetuoso a tolde!
Que noite e dia vejas vir o mago,
Bello ideal dos teus rosados sonhos
Banhar-se sempre no formoso lago.

Campos, (Brazil).

TEIXEIRA DE MELLO.

CANÇÃO DA NOITE

Segredos da harmonia, eu vos entendo
Vosso cantar magoado que suspira;
Tambem pela minha alma andam gemendo
Uns tristes sons d'amor, de ignota lyra.

Oh dolente carpir, tu és a falla,
De quem fallar não pode, da agonia!
Por mim não sei que sinto, se me embala
Esse aereo cantar, essa harmonia.

Minha alma é como um anjo acalentado
No regaço de Deus—tu me acalentas;
Tua voz é como a trova do noivado,
Atito d'ave ao cabo das tormentas!

Minha alma agora é como um cysne manso
Que nas aguas parece adormecido;
Adormece-me a dor, e assim descango
Nas ondas da harmonia embevecido.

Mimosos da fortuna, os vossos prantos
Quem já os viu cahir por noite calma
Como estes meus agora? Ai! tristes cantos
Vinde embalar, adormecer minh'alma.

J. SIMÕES DIAS.

DUAS LAPIDES ROMANAS

(Museu Cenaculo, em Evora)

Depois da fundação do muzeu archeologico em Evora, devido aos esforços do snr. dr. Augusto Philippe Simões—e cujas inscripções, e mais objectos, por elle foram descriptos no seu *Relatorio á camara d'esta cidade*, opusculo raro hoje—alguns cippos se tem encontrado no Alem-tejo, e alli se guardam.

De alguns dei eu noticia nas *Artes e Lettras*, n.º 9, de setembro de 1873.—Ha porém, ainda n'aquelle muzeu duas inscripções romanas, mutiladas, apparecidas em parte da muralha romana no largo da Misericordia, e de que bom é se dê noticia aos amadores de antiguidades.

Mal tratados estes cippos, consentem apenas estas leituras:

D· S· TVRVBRICI
L· V.... IONIVS

O cippo, em que se lê aquella inscripção parece não ter contido mais do que as duas linhas, sendo impossivel restituir pela leitura duas ou tres letras na segunda.

D· M· S·
CLARINO A
IIIMSS

De suppor é, que mais extensa fosse esta segunda; mas, porque apenas é o troço superior do cippo evidentemente mutilado, nada mais se póde ler n'elle, indo com pontos indicadas parte das letras, que, depois de morosa leitura, me parece não poderem ser outras.

Vulgar mostra ser a segunda; offerecendo a primeira um tanto de novidade, que optimo fôra ser estudado por entendidos.

No mesmo muzeu existe um troço, que parece ter sido de columna, em que, em caracteres hebraicos, e segundo uma leitura do hebreu Miguel Pinto, mercador em Beja, se pode exprimir e ler em nossa lingua pelo seguinte modo:

AROFAH
X· L· K· J· LALF· OJ·
anno trinta cem outo leelef no mil cinco

Arofa é nome proprio de templo.
No anno cento trinta e outo de cinco

mil, ou cento trinta e oito depois de quatro mil; portanto: anno do mundo 4138, e da nossa chronologia 134.

Se não fôr exacta esta leitura; é, contudo, a primeira que lhe conheço.

Evora.

A. F. BARATA.

CARTAS SINCERAS

(A G. M. G.)

Senhora! Eu tenho ás vezes phantasias
De que depois lamento os resultados,
Posso d'isto juntar mil attestados,
Se não merecem fé as poesias.

Em creança embirrei com minhas tias,
Em rapaz c'os vizinhos corcovados;
Hoje em dia, por mal dos meus peccados,
Se estou mais velho, tenho mais manias!

Mas a maior de todas é de certo
Suppor eu que estas cartas innocentes
Um ecco no seu peito encontrarão!

Sempre Amor foi illogico, inexperto;
Lance-as embora ás chammas inclementes...
N'esse fogo arderá meu coração.

Porto.

ALFREDO CARVALHAES.

O QUE FAZ A VAIDADE

(ROMANCE ORIGINAL)

I

Quem em 183... visitasse a cidade de Setubal, então simples mas notavel villa, notaria ao sair da povoação, seguindo a estrada de Palmella, uma casa de singela apparencia, rodeada de um pequeno jardim.

Durante longos annos a guerra fratricida tinha assolado este bello paiz, e durante este tempo aquella casa que, como sentinella avançada, estava á entrada da villa, parecia um ermo,—tal era o silencio que todo o dia reinava no seu interior.

O jardim, outr'ora cuidadosamente cultivado, estava inculto e a herva crescia livremente nas ruas e canteiros. A fragrante rosa, a candida açucena, a odorifera violeta e o vermelho cravo, tinham sido abafados sob os cardos e as ortigas; o alegre trinar das cotovias e das ando-

rinhas, substituido pelo funebre piar de um mocho que d'aquelle deserto fizera sua habitação.

Contudo aquella casa estava habitada. Dous entes, mãe e filha, viviam alli isoladas, sem abrigo nem protecção. O chefe d'esta familia partira para a guerra, alistára-se sob as bandeiras do infeliz principe e desde então jamais tinham recebido noticias d'elle.

A guerra terminára. Os partidarios do principe exilado tinham-se retirado a suas casas; mas aquelle exposo esperado impacientemente, aquelle pae que deixára ao abandono uma filha na idade em que mais necessita de protecção, não apparecia.

Fatal destino o dos homens! Nenhum progresso social podem alcançar sem o sellarem com o sangue de milhares de martyres. As guerras civis são os vampiros sempre insaciaveis de sangue, que exhaurem as forças á humanidade; são os espectros horripilantes da viuvez, da orphandade, da fome e da miseria; mas muitas vezes, em troca do sangue que derramam, regeneram a sociedade, destroem as perniciosas instituições, e offerecem um longo periodo de paz e tranquillidade.

Em Portugal correram rios de sangue. Ambos os partidos porfiavam em o derramarem inutilmente e mancharem a causa que serviam. Tristes aberrações, lamentaveis odios!

O espirito ia-se-nos arrebatando em vagas considerações e abandonando o fio d'esta pequena e singela historia! Retomemol-o pois, e não nos percamos em inuteis dissertações.

II

Leonor era o nome da joven filha do valente legitimista que derramára o sangue pelos seus principios. Contava 18 primaveras e, se tinha a candidez da açucena e a fragrancia da rosa, era inconstante como a mariposa e volúvel como a avesinha, que, rainha dos ares, a cada momento toma nova direcção.

Quem conhecesse Leonor, apenas lhe poderia notar um defeito. Era fragil como o lyrio, morena como a andaluza, jovial a parisiense, mas altiva e vaidosa como a madrilena.

Leonor era o tormento d'um rapaz da vizinhança, a cujos requestos apaixonados e nobres a travêssa donzella respondia com indifferença, cuja paixão acolhia com

zombaria, e, ora fingindo attendel-o, ora precipitando-o no abysmo do desespero, sujeitava o infeliz mancebo ao supplicio de Tantaló.

Alvaro de Moura era um nobre mancebo. Tinha vinte annos, idade das paixões. Formoso e filho de boa familia, apenas tinha um defeito—ser pobre—, o que para elle equivalia á maior das desditas.

Leonor jámais o amaria:—elle bem o sabia. Para conquistar-lhe o amor e transpor o abismo que os separava, necessitava uma ponte de ouro, e elle não a podia construir.

Quantas vezes Alvaro amaldiçoou a sua sorte! Quantas procurou na morte o lenitivo para os seus males! Uma idéa lhe detinha o ferro suicida e lhe fazia vacillar o braço. Tinha mãe. A vida não lhe pertencia, pois.

(Continúa)

Porto.

ARAUJO CARVALHO.

O OLHO DO MAL

Um dia Satanaz, o velho e mau propheta, Cangado e doentio adormeceu ao luar:
Um corvo que o avistou, veloz como uma seta
—Alguem o viu—do azul baixar, baixar, baixar..

E sobre o anjo mau abriu as grandes azas
E, arrancando-lhe um olho, ergueu-se novamente...

Esse olho tem mais luz que o fogo de mil brazas
E é elle que nos anda a olhar constantemente!...

BETENCOURT RODRIGUES.

CONVERSÕES HYGIENICO-POPULARES

O ALCOOLISMO

On s'est effrayé du cholera. L'eau de vie est un bien autre fleau.

Fonsagrives=Hygiene=Pag. 267.

O desregramento nas bebidas alcoolicas, assim como o seu uso habitual, são a causa da degeneração das sociedades modernas. —Não creio que a sociedade de temperança seja inteiramente substituida pela da intemperança. Mas em tudo meio termo:—Medio tutissimus ibis. O auctor.

Quando em 1864 dei a lume a *Memo-ria sobre o alcoolismo*, e seus perniciosos

effeitos entre os individuos, que se entregam ao máo vicio da embriaguez; quando n'aquella epoca demonstrava clara e terminantemente, quaes as enfermidades, que do abuso do alcool e dos seus preparados se podiam seguir, principalmente com respeito ás anomalias dos centros nervosos e periphericos, onde este temivel vapor o alcool—levado pelo sangue—vai produzir seus perniciosos effeitos; já então me não esqueciam as assisadas palavras do grande escriptor *Balzac*, citadas na epigraphe franceza; pois que a epidemia, a guerra, e o alcoolismo são tres grandes flagellos da humanidade.

A prostituição—como provaremos em varios artigos d'este excellente semanario, habilmente redigido pelo talentoso escriptor, o sr. Dias Freitas—a prostituição vae já, mesmo em nosso Portugal, consumindo muitas vidas, e arruinando muitas gerações: mas não lhe fica atraz o alcool, cujo uso, geralmente fallando, tem dado logar em nosso paiz ao abuso.

Se a cholera, a febre amarella, a dysenteria, e varias outras epidemias que ás vezes assolam um povo, e não poucas vezes ao nosso Portugal; se tudo isto é um grande flagello; não o é menos o uso immoderado das bebidas alcoolicas, e até do opio, do haschisch, do kava, do tabaco, etc.—São todas estas substancias verdadeiros venenos, os quaes lentamente nos vão minando.—São as bebidas alcoolicas, e estas substancias, os meios a que recorrem as maiorias das povoações, para estragarem o seu moral e o seu physico, para decahirem no conceito publico, para obcecarem as faculdades d'alma, para satisfazerem aos seus perigosos e immoraes desejos.

A'cerca de todas estas substancias fallarei na serie d'estas minhas *Conversações*; e agora direi acerca das bebidas alcoolicas, que originam graves questões do dominio da hygiene privada e publica, e nomeadamente com referencia ao abuso d'estas substancias.

DR. LINO DE MACEDO.

A...

A minha vida é solitaria, triste,
Folha pendida que se agita ao vento:
—Prazer, ventura, nem um só momento...
Minh'alma aneia porque a tua existe.

Porto.

J. D'A.

CANÇÃO

Quando um dia, ó bem amado,
Levarem meu corpo á valla,
Morto do zello e cuidado
D'esta paixão que me ralla,

Não quero padres, nem rezas,
Nem seges, nem funeraes,
Basta-me, ó bem que me prezas,
Os teus suspiros e ais;

E em vez das tochas e os cyrios
Que os outros hão de allumiar,
—O' irman casta dos lyrios!
As luzes do teu olhar.

Eu prefiro ao incenso e ao canto
E á agua benta dos altares,
O teu perfume e o teu pranto,
O' estrella solta dos ares!

.....

Eu sei que a vida me falha,
O' pomba dos meus anhelos!...
Podesse a minha mortalha
Ser feita dos teus cabellos.

FERNANDO GENTIL.

FRAGMENTO

DO POEMA INEDITO—«A PROMISSÃO»

Era pois em Paris; e n'essa terra immensa,
N'essa Ninive de hoje, aonde se condensa
A virtude e maldade em turbido mysterio,
Havia um grupo audaz de jovens sem criterio,
Sem alma ou coração! Imagem dos chacaes,
O vicio, a podridão, o crime e nada mais
Fartava-lhes a séde, e—putridas hyenas! —
Causava-lhes inveja a côr das açucenas
Nas faces juvenis da rosa immaculada! . .
Tinha essa mocidade o nome de *doirada*!
E *doirado* trazia o habito de sêda!
Como um raio do sol que ás vezes Deus enreda
Nos sapos do monturo! Ao pé da realza,
Tinham como os reptis extremos de baixaza
E servilismo vil; mas, ao sair do paço,
Eram mais do que o rei, e a c'roa de devasso
Levavam sem pudor aos templos da virtude,
Cuspindo a perdição, como a serpente rude,
Sobre os lyrios do altar!... Emfim essa alcatea
Soltava-se em Paris somente com a idéa

De arrancar á virtude a flor formosa, etherea
De alguma desgraçada anciando de miseria,
E prendel-a depois ás cordas da memoria
Para tropeços do vicio!.....

Porto.

ADRIANO ANTHERO.

CINTRA

(Continuação)

O panorama que se gosa do palacio da Pena é deslumbrante: os olhos caçam-se de ver campos, serras, povoações espalhadas aqui e além, jardins por meio de asperos penedos e no fim o mar de puro azul como querendo abraçar todo aquelle vastissimo quadro. D'ali se vê n'um elevado serro a cruz chamada *Cruz alta*, n'outro ponto tambem eminente vê-se uma figura elevando-se no meio dos penedos—é o monumento a Vasco da Gama. Está olhando para o mar, que foi o caminho da sua gloria, por ondê tantos thesouros trouxe a Portugal. Está bem n'aquelle logar o vulto gigante do grande navegador n'aquelles immensos rochedos, como querendo ainda, impavido, afrontar as tempestades.

O palacio da Pena, que é uma vivenda encantadora, está cercado de formosos jardins. Serras agrestes, cujos penedos assustam a quem passa proximo d'elles, foram convertidas em agradaveis passeios, onde se gosa a sombra de frondosas arvores, e o perfume de muitas flores. Ha grandes lagos, alguns com formosos barcos.

Na quinta vendem-se objectos de marmore, perfeitamente trabalhados.

O *chalet* fica na baixa d'esta quinta; é uma construcção no gosto gothico; as janellas e os tectos são de cortiça, e as paredes estão pintadas fingindo madeira.

D. Fernando tendo convertido aquelles sitios asperrimos em bellos passeios, tem feito dois serviços: proporcionar aos visitantes de Cintra algumas horas agradaveis, e dar trabalho a muitos braços.

O povo de Cintra é afeiçoado a D. Fernando, que teve o poder magico de converter serras em jardins, cardos e urzes em flores, charcos pantanosos em formosos lagos, covas cheias de matto em grutas deliciosas para se descansar no verão, livre dos ardores do sol.

A oito kilometros de Cintra, no meio de um deserto, em sitio arido e agreste, onde se vê somente a urze, o tojo e o brejo, onde os penedos se encontram a cada passo, e as aves fogem açoutadas pelo vento, onde a neve no inverno envolve todo o ambito, n'aquelle ermo quasi desligado do mundo, por onde, de certo seria novidade passar um viajante, está o convento dos Capuchinhos, monumento ascetico, que já conta mais de tres seculos. As portas, os tectos, é tudo de cortiça. Que contraste que faz este hospicio com os conventos da maioria das ordens monasticas, onde tudo respirava grandeza!

Dizia Filippe II que duas cousas tinha admirado—a grandesa do Escurial e a pobreza dos capuchinhos.—

Nos capuchos tudo é pobre, triste e severo. As cellas são um cubiculos, cujas portas teem cinco palmos de altura e palmo e meio de largo; as paredes que as dividem são de vimes tecidos com barro e palha. As ditas cellas são tão estreitas que muitos frades precisavam fazer cavidades na rocha, para estenderem as pernas.

O refeitório é humilde com uma tosca pedra, larga e comprida, que servia de meza: esta pedra foi dada ao convento pelo cardeal D. Henrique. Os guardanapos eram de estopa e os vasos por onde bebiam] de barro ordinario.

A entrada é um corredor de oito palmos de comprido e cinco de largo, tendo á direita uma capella azulejada, na qual se venera uma formosa imagem do Senhor dos Passos, em cujo rosto se nota o sofrimento e o reflexo divino do Martyr do Golgotha.

N'uma especie de cascata está a imagem de S. Francisco. A igreja cujas paredes são de calháo, é pequena, pobrissima.

Nas suas paredes lê-se a seguinte inscripção, que encerra por assim dizer a historia dos capuchinhos:

«D. Alvaro de Castro, do Conselho de Estado, Vedor da Fazenda de El-Rei D. Sebastião, Fundou este convento para memoria do Vice-rei, D. João de Castro, seu pae, anno, 1560. O Padroado é dos successores desta casa. O altar desta igreja é privilegiado todos os dias a qualquer sacerdote que n'elle celebrar. Todos as pessoas que constrictas e confessadas ou com proposito de se confessar visitarem esta Igreja na festa da Invenção de San-

ta Cruz desde as primeiras vespas até ao sol posto do dia e rogarem a Deus pela paz entre os principes christãos, a extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja e pela alma de D. João de Castro, ganham indulgencias plenarias e remissão dos seus peccados. Estas indulgencias concedeu o Papa Pio IV, Anno, 1564, a instancias do mesmo D. Alvaro de Castro sendo embaixador em Roma.»

Jacintho Freire de Andrade diz na *Vida de D. João de Castro*: «E tão religiosamente ardia no culto d'este signal santissimo (a cruz) que quiz mais lavrar templo á sua memoria, que fundar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro, que se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio d'elles edificasse na serra de Cintra um convento de recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocação da cruz se titulasse a casa.»

N'este convento está sepultada D. Maria de Noronha, mulher de D. Alvaro de Castro.

Fóra do edificio principal, n'um pequeno pateo, vê-se a capellinha onde se venera a imagem de S. Francisco, egual á que já notamos, n'uma cascata. Era tal a abstinencia dos capuchinhos, que visitando-os D. Filippe II, instou com o guardião para que lhe pedisse alguma cousa para o convento. No fim de muitas recusas do frade e insistencia da parte do monarcha, chamou o guardião o cozinheiro perguntando-lhe se alguma cousa se precisava; se finalmente havia azeite, respondendo-lhe aquelle que ainda chegava para toda a semana.

—Como vêdes, real senhor, nada, absolutamente nada precisamos.

D. Filippe que viera do convento da Penha onde os frades Jeronymos lhe tinham feito grandes petições, exclamou então:

—Alla es lá Pena; e esta es la gloria.

O nosso espirito reconcentrando-se e evocando as sombras do passado, meditando n'esses vultos que outr'ora povoaram aquelles logares tão aridos e desertos, tão desacompanhados de conforto, n'essa vida austera, verdadeira existencia do monge, que fugindo do mundo só pensa em Deus e no tumulo, sente quasi o gelo a percorrer-lhe as veias, e admira e venera aquella penitencia; penitencia esteril talvez, porque o homem para servir a Deus deve servir a

humanidade de que é uma parte e não era n'um deserto, tendo por testemunhas aquelles asperos penedos, que bem serviam a religião pela qual se sacrificavam.

Ainda assim grande abnegação era necessaria para abraçar uma vida de tanta angustia.

D'este modo eram os ascetas; mortificavam o corpo, alimentando-se de raizes, vestindo-se de pelles animaes, retirados nos bosques, apurando a vida na mais severa austeridade e soffrimentos mais penosos, para merecerem a protecção divina.

Este convento era ainda ha dois annos mostrado por um velho já curvado pelos annos, e que vivia n'uma pequena casa proxima, sosinho n'aquelle ermo, onde talvez se passavam dias e semanas sem que ente vivo lhe desse os bons dias. Vivia de esmolas, e cultivava um pedaço de terra que lhe dava o conde de Penamacor.

Estas venerandas ruínas foram vendidas ha tempos a um inglez, o visconde de Monserrate, que as mandou reparar, para não ficarem reduzidas a um monte de pedras informes e deslocadas. Já que infelizmente nós tão pouco curamos dos nossos monumentos, venham os estrangeiros fazer o que a nós nos cumpria, em respeitoso culto ao passado.

Lisboa.

C. GOODOLPHIM.

ABRAÇO DE PARREIRA

Ao meu estimavel e estimadissimo amigo José Pereira Cyrne de Castro Bezerra Fagundes

Como era lindo este abraço,
Verde parreira d'Abril,
Quando o colhi suspirando
Com amor terno e febril!

Lembras-te, ó vide mimosa?...
Era noite: a lua em cheio
Banhava o mundo em silencio
Quando o escondi no meu seio!...

O rouxinol mavioso
Fallava ao meu coração;
Dizia-me os seus segredos,
Só a mim, e á solidão.

E o meu coração immerso
Em funda, vaga saudade
Intendia os devaneios
Do cantor da soledade!

Este abraço, ó tenra vide,
(Palavra do teu amor)

Prendia em rede d'affectos
Linda madresilva em flor.

Parti o casto consorcio
Com dura, imprudente mão,
E com este abraço puro
Quiz prender um coração!!

Mas o coração eivado
Do veneno do ciume
De verde tornou-se negro,
Como se o crestasse o lume!!!...

Vianna.

B. WERNÉCK.

SAUDADES

— A minha Anninhas —

(Braga)

Oh noites de luar, noites serenas,
Imagem de meus candidos amores,
Sois balsamo suave ás minhas penas,
Abrandais docemente as minhas dôres.

A brisa que perpassa perfumada,
Segreda ao nosso ouvido, terna e mansa
Saudades de uma amante idolatrada,
E infiltra em nosso peito a doce esp'rança.

Em noites de luar eu amo tanto
Lembrar-me a sua face meiga e bella...
E os olhos humedecem-me de pranto,
Se penso que tão longe vivo d'ella:

E choro! é que a saudade que me opprime
Das lagrimas carece, que vem da alma...
Depois a tua imagem vem, sorri-me,
E a dôr d'esta saudade mais se acalma.

Porto.

VICENTE NOVAES.

D. JOÃO II

(Continuação)

El-rei com ar verdadeiramente soberano fallou assim aos representantes da nação:

— Illustres fidalgos e prelados do meu reino. Honrados procuradores do povo.

Approuve á Providencia ferir-nos no intimo do nosso coração, chamando a si a nosso glorioso Pae e senhor destes reinos D. Affonso V.

Por este doloroso acontecimento subi ao throno de meus maiores, como por herança, e direito nos pertencia,

Desde logo foi muito do nosso empenho reunir côrtes para que se façam novas leis, e a todos seja administrada justiça.

Não se poseram em pratica muitas das deliberações que em tempo do Senhor D. Affonso V se tomaram na reunião dos Tres Estados; mas nós estamos resolvidos a fazel-o para bem destes reinos.

Será feita justiça completa, e Deus Nosso Senhor illumine os vossos espiritos para que se façam leis justas e sabias.

Illustres fidalgos e prelados do meu reino. Honrados procuradores do povo.

Dou muitas graças a Deus por ver reunidos em volta do meu throno os Tres Estados do reino, para que nós com o seu auxilio sejamos ajudados a levar a cabo o que intentamos, a fim de que o nosso paiz possa novamente voltar aos tempos gloriosos de nosso augusto avô, o Senhor D. João I, que dera começo ás nossas emprezas maritimas, e que nós desejamos proseguir.

Transluciam nas palavras do soberano, que, pela bondade do coração de seu Pai, a nobreza havia feito a seus rogos ficar nullas a resolução das Cortes, que com elle seriam executadas porque em Portugal só D. João era rei.

A abertura das cortes era o primeiro passo para a luta tremenda, que se ia travar entre a realesa e a fidalguia.

Quem sahiria vencedor?

E' o que vamos ver nos seguintes capitulos.

SOARES ROMEO JUNIOR.

FOGE!

Não roces tanto, creança
o teu vestido por mim;
não o chegues tanto ao lôdo...
que pode manchal-o todo
o meu contacto ruim.

Vai brincar c'o as borboletas
dos teus olentos vergeis;
vai librar esses dulçôres
que vertem as lindas flôres,
—tuas amigas fieis.

Não te approximes do vicio
que te pode corromper;
foge, veloz, d'essa chamma,
que, peor inda que a lama,
pode queimar-te, mulher!

Sempre ás bordas dos abysmos
ha p'riço de escorregar...
não te chegues tanto, ó virgem,
pois a attracção da vertigem
pode fazer-te tombar.

A's aves que te decantam
em suas ledas canções,
vai contar os teus segredos,
teus innocentes folgedos,
tuas gentis illusões.

Mas não varras com as azas
do mundo o sordido chão!
Libra-te sempre ás alturas,
onde se fruem venturas,
onde não ha corrupção.

Oh! foge, alvéloa innocente,
volve da relva á mudez...
Vai gozar sonhos jucundos
n'estes teus rosados mundos
de que Deus mercê te fez.

E não roces mais, creança,
o teu vestido por mim!
não o chegues mais ao lodo,
que pode manchal-o todo
o meu contacto ruim!

Monsão.

NUNES D'AZEVEDO.

CARAPUÇAS

IV

Ara, era, ira, ora, ura

Sei d'um padre, que avantajava
os Mestres em oratoria!...
E que leva o *bôlo* á gloria
ao Martinho, que Deus haja!

Da *Ara* santa esfarraja
das Liberdades a historia!
A *Era* d'essa victoria
com *ira* omitte ou ultraja!

E tudo mais deteriora
—que progresso e luz encerre—
com gesto, que desafora!

Haverá quem se desferre
a bradar: = Muito bem *óra!* !=
—*Ura* sim, com mais um *R.*—

Porto.

DAVID DE CASTRO.